S. PAULO (Brazil) — Sabbado, 12 de fevereiro de 1910 — ANNO IV—NUMERO 18

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
Largo da Sé n. 5 (sobrado)
Endereço telegraphico: LANTERNA
Apparece aos sabbados
FUNDADOR: BENJAMIM MOTA

A Lanterna

FOLHA ANTI-CLERICAL DE COMBATE

Assignaturas para o Brazil
Anno . . . . 10$000
Semestre . . . . 6$000

Assignaturas para o exterior
Anno . . . . 15$000
Semestre . . . . 8$000

Pagamento Adiantado

Panacéa corvilina

Confessemo-lo desde logo, sem rebuços, francamente, abertamente: nunca existiu, não existe, nem existirá instituição mais cynica, rodeada de mais despudor, manejando a mentira e a hypocrisia com maior pericia, que essa que se rotula, numa pompa balofa, representante de Deus— o clericalismo, emfim.

Elles (sejam ignacianos, (1) maristas, franciscanos ou padres) trazem remedio para todos os males, tanto os que corroem as nações, depauperando-as, como os que acommettem os individuos. Se as nações empobrecem, e se endividam, e se contorcem em espasmos de crises economicas, o remedio está nelles. Se os individuos necessitam de cura, desde o idiota ao bexiguento, do syphilitico ao atacado de *delirium tremens* não é necessario recorrer á therapeutica, ou á hydrotherapia ou á electro ou radium-therapia — ali, na sacristia, ou mais além, no altar-mór, ou no centro, á esquerda, no cubiculo denominado confessionario — o remedio existe, de effeito seguro, efficacissimo!

Para os casos rebeldes, cuja diagnose é difficil, com um pouco mais de despesa e demora, vem a cura infallivel, quer da Basilica da Apparecida, quer da de Lourdes.

Até mesmo para a vaidade, terrivel e contagiosa molestia, endemica em nosso paiz, ha um poderoso especifico: as honrarias do Vaticano. Um condado, um baronato, ou uma simples commenda aniquilam esta perigosissima infecção.

Para a nevrose mystica ha, igualmente, medicamento que não falha, nas communhões, nas missas, nas confissões, nos escapularios, nos cirios que ardem tristes e desolados, perennemente, fincados nos oratorios onde as imagens toscas, de rosto macilento e inexpressivo, parecem reviver na poeira dos seculos uns restos do esplendor do paganismo.

Elles são a panacéa. Curam tudo. E além disso, só elles podem dirigir tudo. Governos que não se curvam a seu mando não passam de bando de mesnadeiros a infestar terreno alheio. Povos que os repillam só merecem os amaveis epithetos de ladrões, assassinos, degenerados. Instrucção que elles não ministrem não merece tal nome. Só elles educam. Só elles fazem homens dignos. De suas mãos, como se foram esculptores acabados, só saem santos, promptos, sem mais formalidades, a galgar a escada de Jacob, passar o setimo ceu onde S. Paulo já esteve, e entrar serenamente, altivamente, nos peristilos do céu.

Deus os plasmou a seu modo. Fe-los particulas de si, enviou-os como a luz do mundo. O que não está com elles não presta. Prepare as malas e ¡vá... para o inferno.

Quereis ouvi-los a mentir?

Prestai ouvidos.

Nenhum paiz deve ter instrucção leiga, porque toda educação que não é religiosa é immoral, é anti-patriotica, é perversa. Elles affirmam que a instrucção deve lhes ser confiada, como até aqui, porque só a elles incumbe a tarefa de preparar bons cidadãos, zelosos e tementes a Deus.

E emquanto lhes esteve confiada essa importante e transcendental missão, que é que elles fizeram?

Após 322 annos de Brasil colonia e 68 de Brasil imperio os resultados apresentados foram estes: todos os processos de transmissão de ensino archaicos e anachronicos; a instrucção primaria deficientissima e ronceira, e apesar das constantes missões pelo sertão, das parochias espalhadas por todo o Brasil, nossos patricios permaneciam ignorantes e fanaticos, tão fanaticos e ignorantes que encheram de luto os annaes da republica na celebre campanha de Canudos. E a porcentagem de analphabetos? Subia a 88 por cento.

Realmente, bem boas contas prestaram de seu encargo, elles que pretendem educar e querem o povo cada vez mais mergulhado na ignorancia para mais facilmente dominarem.

Durante 4 seculos tempo de sobra havia.

Reclamam para si o encargo de instruir. E o que dizem de Portugal, da Italia e da Hespanho, que elles ensinam a ler ha seculos, e onde é de mais de 50 por cento o numero dos analphabetos?

Entretanto (que cynicos) só elles é que são aptos a educar. Só elles curam este mal terrivel de que tanto padecem as nações latinas.

**

Todo governo que se divorcie do clericalismo torna-se incapaz de bem dirigir o seu povo, que soffrerá os maiores e mais tremendos castigos. Assim é que a imprensa catholica se comprazia em registrar os desastres da marinha franceza, após a expulsão das ordens religiosas, dando a entender que o seu Deus ama as guerras, as estupidas lutas entre os homens, e protege as nações fieis, conservando-lhes os navios, os canhões, os fortes, e inspirando novos e mortiferos inventos.

E não dizem (os mentirosos) que a França de Napoleão III soffreu a derrota de 1870; que a esse tempo o proprio vigario de Christo, pouco antes proclamado infallivel, perdeu o poder temporal; que, modernamente, a fidelissima Hespanha foi desbaratada pelos Estados Unidos e não tem um navio em bom estado. Que esse mesmo paiz armou a celebre esquadra invencivel para invadir a Inglaterra e lá a perdeu toda.

Nós bem sabemos quaes são as causas desses desastres de que o povo não pode ser responsabilizado, mas o clero confunde governo e povo, desde que este não se rebella contra os dirigentes incréos. Porque elles (os ignacianos) condemnam as revoluções, mas estão promptos a fomental-as desde que é para conservar suas posições.

**

Com o maior e o mais estupefaciente dos cynismos apregoam os tonsurados que as nações decaem desde que não obedeçam a seus dictames.

E onde, indagai leitor, se encontram a prosperidade, o progresso das nações visceralmente catholicas?

Salientemos que a ascendencia do clero sobre o governo é hoje bem limitada (2) graças á opposição e crescente rebeldia do povo ás suas mentiras.

Elles não apresentam factos, porque é impossivel progredir uma nação quando é dilacerada por uma nuvem enorme de corvos que lhe suga as riquezas, amontoando-as em seu proveito e vivendo no ocio criminoso. Não se mede a prosperidade de uma nação pelo numero de seus conventos, igrejas, capellas, seminarios; grandiosos edificios que se alteiam, como num desafio, ricos de alfaias, decorações, joias, emquanto cá fóra, bracejando ao sol ou sob o latego das infindaveis noites de inverno, ha multidões que soffrem, sem pão nem agasalho, e a quem a fé não resguarda sufficientemente porque já aprenderam a duvidar do paraiso, que preferem neste mundo.

Mas o clero tem comsigo o remedio para todos os males...

Assim affirmam os cynicos, embora sabendo que o numero dos tolos diminue.

Positivamente a *panacéa corvilina* (ou a mentira clerical) nada cura. Não corrige as tendencias más do individuo nem lhe ratifica as qualidades boas porque este vê, no que fala, com os olhos vesgos e o gesto brusco, um tartufo da peor especie, que deixa perceber, através da capa em frangalhos de sua santidade, a mentira, a hypocrisia, a lascivia, a impudencia... Não illumina nem guia os povos porque estes percebem o ludibrio que soffrem ha seculos, acordam do lethargo para enveredar pela estrada da verdade, radiosa e ampla.

. . . .

Confessemo-lo desde logo, sem rebuços, francamente, abertamente: nunca existiu, não existe nem existirá instituição mais cynica, mais escandalosamente cynica que essa, composta de ministros de Deus, cujo desfile, através da Historia, é sinistramente illuminado pelos clarões das fogueiras inquisitoriaes, que permittem ver o rastro de sangue, de odio, de maldições, de lamentos que tem deixado após de si.

Emquanto pôde a besta apocalyptica esmagou e trucidou.

(1) Comte quer que assim se chamem os jesuitas.

(2) Infelizmente, no Brasil, esta influencia tem se accentuado graças á indifferença dos elementos liberaes.

Um dos triumphos de *nossa* diplomacia é o de ter alcançado para o Brasil o primeiro cardeal sul-americano. Um presente de gregos.

A Sagrada Familia



Bemaventurados os que modestamente se contentam com a prata da casa!...

Sermões ao ar livre

Os catholicos invocando o patriotismo contra os adversarios — eis uma atitude um tanto hilariante.

Com effeito, que se entende hoje por patriotismo? Que é a patria actual?

Não é o berço natal, porque esse berço não é muito largo, nem tem limites definidos. Se, para lá do horizonte desse berço restricto e conhecido—uma cidade, uma aldeia, uma collina,—com mais alguem sou forçado a uma solidariedade que implica a paz e o respeito mutuo, porque hei de parar nas fronteiras? Por que razão é nacional, patriotica, e não simplesmente «humana» essa solidariedade?

Haverá porventura communidade de interesses dentro dessas fronteiras? Não; os interesses são antagonicos entre as classes, as regiões, os partidos e os diversos grupos que habitam a mesma «patria»—onde uns têm «patrimonio» e outros não o têm, onde as differentes seitas disputam a supremacia espiritual, onde os bandos brigam pelo poder e pela riqueza, e onde se digladiam as mais avidas cubiças pessoaes.

Se ha interesses communs, tambem os ha por cima dos confins; e ha mesmo individuos, seitas e classes qur tem maior communidade de interesses com individuos, seitas e classes de outra «patria» do que com os da sua propria...

Haverá numa patria actual communidade de raça, costumes, tradições ou ideias? Fazer a pergunta é responder. As raças, confusas e embaralhadas, saltam as fronteiras, occupam varios paizes ou coexistem em cada um. Os costumes e tradições são diversos de classe para classe, de região para região, de cidade para cidade, ao mesmo tempo que os ha tambem internacionaes. Todas as nações se confundem pelas pontas, disse um escriptor. Quanto ás ideias, que balburdia! que babel! em cada patria, e ao mesmo tempo, quantas ideias e religiões cosmopolitas, internacionaes, catholilas!...

Ninguem pretenderá que seja a lingua a caracteristica distinctiva de cada patria... Todos sabem que Portugal e Brasil são duas patrias, as republicas hespanholas americanas e a Hespanha uma porção dellas e que a Suissa, por exemplo, não se divide em tres...

De modo que, tudo bem considerado, uma patria é apenas um amálgama de individuos e grupos heterogeneos sujeitos ao mesmo governo e ás mesmas leis..

Se esse governo e essas leis são favoraveis aos nossos interesses e ás nossas ideias nós somos patriotas dos quatro costados; mas, se somos offendidos nuns ou noutras, então a coisa embrulha se singularmente e o conflicto estala.

E nisto os catholicos são como toda a gente — e até mais do que toda a gente. Sujeitos espiritualmente a uma autoridade infallivel e a leis immutaveis e universaes, tudo corre bem, emquanto as autoridades e leis da sua patria se subordinam ou se adaptam ás do papa e do dogma; mas onde essa harmonia não se verifica, —lêde a historia contemporanea,— os verdadeiros crentes ou interessados na crença são pela Igreja contra o Estado, pelo espiritual contra o temporal, pelo divino contra o humano.

Se, suggestionados pelo diabo ou por vis interesses humanos são «patriotas» antes de catholicos, atraiçoam escandalosamente a fé, e, se não a figueira de Judas, ao menos a caldeira de Satanás os espera para a sempiterna punição do seu crime.

ZENO VAZ.

A escola laica

O ministerio da instrucção publica de França publicou sobre o ensino primario uma estatistica, da qual se conclue que, em cinco annos, de 1902 a 1907, as escolas leigas ganharam 407.000 alumnos, e que o ensino privado clerical perdeu nada menos de 6.000 escolas.

D'ahi a ira dos bispos...

«A LANTERNA»

será vendida, ao preço de 100 réis, nos seguintes pontos:

Salão Monteiro — Avenida Rangel Pestana, 140.

Na Lapa—*Salão Internacional*.

Ventura Siérra, rua Conselheiro Ramalho, 105.

Agencia de jornaes do sr. Antonio Scafuto, rua 15 de Novembro, 37.

As escolas laicas

O governo o disse: o incendio dos conventos de Barcelona deve-se ás escolas laicas; os protestos contra a guerra, ao antimilitarismo dalgumas maximas dos livros que ali se liam. Tão lynce como Maura na averiguação da causalidade das coisas era São Thomás, que ensina que a fecundação das mulheres se deve... ¡ aos astros! Tudo isto se demonstra na sciencia da *pata de cabra* e do *mau olhado* das bruxas.

A Inquisição em Hespanha demonstrou o seu excellente faro e o seu lendario cynismo: todo argumento serve para o seu fim. Maura e o papa poderiam ter dito: emquanto não vieram as escolas laicas, não veio o terramoto de Messina; logo são ellas que transtornam as leis naturaes. Por causa dellas faz calor no verão e frio no inverno, não chove o preciso e na Suecia ha praga de ratos. Por causas analogas a estas, os juizes do Papa condemnaram á morte em todos os tempos milhares de innocentes.

Os jesuitas e mauristas estão fartos de saber que os incendiarios de Barcelona não procedem das escolas laicas; e o publico está farto de saber que saíam precisamente das aulas dos escolapios e jesuitas. Não se conhece como milagrosa a salvação dum escolapio ancião, rodeado e salvaguardado pelos incendiarios, discipulos seus, e contou-se com licença do capitão general em pleno terror autoritario?

O maior apostolo do atheismo na Catalunha não foi discipulo de Odon de Bueu, mas sim um frade escolapio: Gabarró. Quem levantou bandeira protestante contra o romanismo não foi um alumno de Salmerón, mas outro escolapio: o padre Cabrera. Quem assombrou o mundo com a sua sêde de sangue na *Commune* de Paris não foi um Robespierre, mas um padre do Oratorio de S. Felippe: o padre Le Bon. O escriptor mais libertino não foi Zolá, mas um padre jesuita: Prévost.

Mas já que fingem ignorancia, refresquemos-lhes a memoria para evitar que os juramentos desses descarados fariseus enganem os innocentes que não têm tempo para folhear a Historia e manusear a Philosophia.

Não havia escolas laicas e já o globo vira os povos entregues á degolla dos frades e ao incendios dos conventos. De França expulsou-os recentemente um ex clerigo: Combes. De Allemanha expulsou-os um frade agostinho: — Luthero. Da Suissa, um conego, filho dum notario ecclesiastico: Calvino. De Inglaterra, um rei, o mais douto em Theologia: Henrique VIII.

De Hespanha foram os jesuitas expulsos por um franciscano arcebispo, o padre Eleta, e por um rei, o mais piedoso, Carlos III. De Italia expulsou-os um papa zeloso, Clemente XIV, com applausos de agostinhos, dominicanos, franciscanos e carmelitas. Quem na America matava os companheiros do padre Caravante eram os jesuitas; quem perseguia como foragidos os jesuitas, eram os capuchinhos. Quem arrastava pela cathedral o bispo Cardenas, abraçado á custodia, fazendo-o rodar a elle e ao Christo sacramentado, não eram os sicarios do *Clot*: eram os filhos de Santo Ignacio. Quem armava conjurações contra o vice-rei de Hespanha e passeava em mascarada o bispo de Puebla, não eram os de Figueras ou Mataró: eram os jesuitas. Quem fomentou mil motins onde quer que se encontraram, elles, elles e elles!. Inclusivé os successos de Bilbao: ali estavam os alumnos de Deusto açulando as massas, por confissão publica de um delles, o irmão Fuchs. Quem ha poucos annos tramou uma manobra de bolsa com um banqueiro de Barcelona, fazendo levantar uma partida carlista, não eram Lerroux nem Emiliano Iglesias: era o padre Bocos e seus amigos de bastidores, com o banqueiro agente das ordens religiosas.

Não se havia fundado escola laica alguma, e já os carolinos das nossas possessões haviam aprendido a lynchar jesuitas e o governador Posadilla (anno de 1887), por seu sectarismo jesuitico contra o protestante Deane. Este sectarismo insensato levantou contra Hespanha o odio indigena, destroçaram o destacamento do nosso exercito e ganhamos fama de selvagens ante os proprios selvagens. Não foram os radicaes quem ensinou os colonos da Mariana em 1690 a limparem o paiz de jesuitas, não deixando um só com vida e estabelecendo um abysmo de sangue entre a colonia e a metropole. Não foram as escolas laicas que produziram a insurreição filippina, cujo principal objecto e prazer foi supplicíar atrozmente os frades de todas as ordens.

Quem havia ensinado esses povos? Os frades eram donos absolutos das escolas, imprensa, livros e cathedraes: o seu poder era omnimodo; exercito e tribunaes eram instrumentos seus; a sua vontade era lei do paiz. Em que igrejas ouviram esses povos prégar o odio ao frade? Nas dos frades. Em que escolas os ensinaram a maldize-lo? Nas dos frades. Em que moral foram amestrados no horror, odio e revolta contra Hespanha? Na dos frades. Que era preciso para salvar o dominio daquelles paizes e os encaminhar para o progresso? Mil vezes foi dito e uma dellas ao ministro do Ultramar pelo capitão Augusto Castro na sua Memoria sobre as Marianas: «Uma coisa unica bastaria: a liberdade!» Esta coisa unica pediam-na em Biacabató os tagalos: *liberdade!* Pediam-na os carolinos: *liberdade!*

O que antes se fez nas Filippinas, nas Marianas, nas Carolinas, na America, em todos os paizes hespanhoes, faz-se agora na Hespanha e especialmente na Catalunha. Matou-se a liberdade, encheu-se tudo de frades, preconiza-se a inviolabilidade, supremacia e omnipotencia do frade filippino; e os effeitos são os mesmos, identicos... Mais: em quanto não houve escolas laicas, os povos apprendiam a arrasar conventos e a matar frades ao mesmo tempo; só depois que houve escolas leigas é que os sediciosos souberam respeitar as pessoas... dos frades...

O facto é notorio e visivel. Elles bastam para excitar o odio de morte; o que não sabem é ensinar a moderação no odio. Eis a lição da Historia.

S. PEY ORDEIX.

(De *El Motin*, de Madrid).

Lanterna magica

O céo por um olho...

Lemos no *Estado* de 2 do corrente:

ROMA, 1—Telegrapham de Napoles que no povoado de Roseto, perto dequella cidade, se deu uma horrivel tragedia, produzida pelo fanatismo religioso.

Viviam ali os camponezes Maria Gramatini. de 28 annos de idade, seu marido e quatro filhos, todos estes menores de dez annos.

Maria enlouqueceu ha seis mezes, porque estava possuida de intenso fervor religioso, dizendo que se mantinha em communicação com Nossa Senhora. O marido, *ignorante de mais*, acreditou nas palavras da mulher, com a qual continuou a viver.

Ante-hontem Maria derpetou, sobresaltada, dizendo ao marido que Nossa Senhora lhe havia ordenado arrancar lhe os olhos.

O marido, suggestionado, consentiu em submetter-se ao horrivel sacrificio, que lhe devia franquear a entrada no paraiso! Então Maria, na presença de quatro filhos, apoderou-se de um garfo, começou a obra. Como o marido implorasse soccorro, ella deixou o garfo e, armando-se de uma faca, com esta arrancou ao desgraçado um olho.

Aos gritos lancinantes de Gramatini acudiram os vizinhos, que prenderam Maria.

Gramatini foi recolhido a num dos hospitaes de Napoles, em estado gravissimo.

Factos desta ordem são devidos ao clero, que se apraz em embrutecer o povo tornando-o fanatico, não raro, até á loucura, como succedeu na propria Italia,

em 1160, quando se organizaram as sociedades de flagellantes, que pretendiam ganhar o céo chibatando-se nas ruas e implorando, em altos gritos, a clemencia divina.

⚜

Um scelerado

Telegrapham de Perusa que o juiz encarregado de instruir o processo do mysterioso assassinato do engenheiro Arvedi, que se deu em dezembro de 1907 em um trem, entre as estações de Roma e Foligno, interrogou novamente o padre Ardoni, que se acha preso por ter morto o velho padre Constantini, em 1908.

Parece que Adorni caiu em graves contradições, não sabendo explicar onde esteve no dia em que foi matdao Arvedi, nem justificar as viagens que fazia, amiudadas vezes, embora não possuisse bens de fortuua.

Renascem, pois, as suspeitas de que Adorni seja tambem o autor do assassinato de Arvedi.

Para o clero tudo quanto de máo se pratica é oriundo do livre-pensamento. Mas o padre Adorni, como outros muitos seus collegas criminosos, não era livre-pensador. *Ergo*, os ensinos da Santa Madre Igreja é que o inspiraram, o induziram á pratica desses dous crimes monstruosos.

⚜

Religião e moralidade

Segundo uma estatistica do *Volk* de Amsterdão, aquella cidade tem 563 926 habitantes, dos quaes 120.701 catholicos, isto é, 21 % aproximadamente; ora, em 1907, houve ali 822 condemnados, entre elles 248 catholicos, isto é, 30 %. Do mesmo modo em Roterdão e na Haya, os catholicos estão na razão de 26 e 30 % para a população total, e de 32 e 41 % para o numero total de criminosos.

Se esta estatistica fosse favoravel aos catholicos, estes não hesitariam em concluir que a falta de religião é factor de criminalidade. Não queremos ser tão simplistas e de má fé; mas podemos bem dizer que a religião não influe sobre a moralização. A moral é anterior e superior a todas as religiões.

⚜

Opinião de Ferri

Dum telegramma para o *Estado de S. Paulo*:

«O prof. Henrique Ferri dirigiu uma carta aos jornaes, historiando a questão do perigo clerical.

O illustre sociologo declara-se contrario a uma campanha aggressiva, porque esta daria aos clericaes o pretexto de agir na mesma forma, o que acarretaria o perigo de ver sublevar-se o fanatismo popular contra a civilização leiga.

Estuda, em seguida, detalhadamente, as profundas raizes que tem a igreja no sentimento popular e, especialmente, o absoluto dominio que exercem os sacerdotes sobre as mulheres.

Faz um rapido esboço de todos os males que causam á sociedade os filiados da Companhia de Jesus, graças á sua perfeita organização, que lhes permitte penetrar em todas as espheras sociaes e de estar em dia com tudo quanto se passa no interior das familias.

Opina que se não deve approvar a lei de expulsão dos jesuitas, a qual poderia redundar em summo prejuizo para o bem estar social, pela simples razão que, sob o pretexto de tornar a lei igual para todos, não seria difficil para os jesuitas obter outra lei a favor da expulsão de anarchistas, socialistas e até republicanos, como elementos contrarios á ordem constituida.

Depois o sr. Ferri passa a tratar dos remedios mais proprios para proteger a sociedade futura da funesta influencia do clericalismo, chegando á conclusão de que o unico remedio a que se pode recorrer é a estricta applicação do ensino leigo, absolutamente livre de qualquer ideia religiosa. Nas escolas leigas—diz—como na França, os mestres preliminares devem educar os menores com absoluta abstracção do catecismo, com livros inspirados na pura verdade historica e scientifica, e não adulterando como os livros que circulam em todos os collegios regidos por padres e jesuitas ou em outros mantidos pelas assim chamadas associações cultuaes».

Justiça medieval

O *Times* de 7 de janeiro narra circunstanciadamente a infamia judiciaria a que já nos referimos em nosso n. 14:

Um caso singular de zelo judiciario empregado em defender o caracter sagrado de publicações religiosas faz ruido neste momento.

No mez de abril ultimo, uma pequena mercieira de Cracovia comprou um monte de jornaes velhos para embrulhar as suas mercadorias. Entre elles, achavam-se algumas folhas illustradas da capa duma duma publicação dos jesuitas de Cracovia, intitulada o «Mensageiro do Coração de Jesus». Um funcionario municipal, membro duma confraria religiosa, acudiu logo á loja e avisou a patroa que não embrulhasse mais mercadorias na folha pia em questão. Ella concordou com elle e entregou-lhe todas as folhas do «Mensageiro» que pôde achar. Dias depois, o funccionario municipal voltou com um policia, rebuscou na loja e descobriu assucar embrulhado no «Mensageiro». A lojista foi processada por ter «posto em ridiculo uma instituição da Igreja catholica». Allegou ella que o embrulho fôra feito antes da prohibição recebida; mas foi condemnada a 7 dias de prisão e um dia de jejum.

Appellou-se para a secção polaca do supremo tribunal de Vienna, visto não poder, nem sob o ponto de vista objectivo, nem sob o ponto de vista subjectivo, tratar-se de delicto, pois a capa do «Mensageiro» não é objecto consagrado e a vendeira nehuma intenção sacrílega tivera. O supremo tribunal confirmou simplesmente a sentença dada em Cracovia.

O jornal *Flandre Libérale* commenta:

«Taes são as infamias que a suprema autoridade judiciaria de Austria, instrumento docil da superstição e da intolerancia ecclesiastica, ousa sanccionar em pleno seculo XX!

«E fingem admirar-se por accusarmos o conselho de guerra que condemnou Ferrer de ter sido o docil instrumento dos odios clericaes.

«Como se a Igreja e seus suportes, quaes quer que sejam, politicos, militares ou magistrados, uma vez obcecados pelo fanatismo ou levados pelo interesse, não fossem capazes de tudo!»

⚜

Cadeia

Estão mais ou menos explicadas as duas causas da volubilidade de ideias sobre a religião: a ignorancia e o medo. Vencendo a ignorancia é muito provavel que o medo fique do mesmo modo vencido.— LUIZ CELESTE.

Inaugura o nosso xadrez o sr. Luiz Celeste, autor das *Palestras*, secção do nosso collega *O Commercio*, de Araraquara.

Está preso o coitado porque, no fim de um rosario de asneiras, escreve a asneira acima transcripta, a maior de todas.—«O medo e a ignorancia como causa da volubilidade de idéas,» é forte! Nem o illustre Calino affirmaria similhante barbaridade.

O que é verdade irrefragavel é que a religião surgiu do medo e mantem-se da ignorancia: esta desapparecendo juntamente com o medo, levarão de envolta o catholicismo.

Esteje preso, seu Celeste! E esperamos um *habeas-corpus*...

⚜

Transubstanciação...

Telegrapham em 8 do corrente, de Villafranca, na provincia de Verona, que o sacerdote Rossignoli, celebrando a missa na igreja parochial, em substituição do parocho, depois de beber o calice, sentiu arder a bocca e o estomago, caindo, logo em seguida, de costas, quasi morto.

Os fieis, emocionados, aproximaram-se do altar, confortando o pobre sacerdote, emquanto outras pessoas foram chamar um medico. Este verificou que o reverendo Rossignoli tinha sido envenenado com acido sulfurico collocado no vinho.

O estado do padre Rossignoli, apesar dos promptos cuidados recebidos, é gravissimo.

Foram presos tres sacristães, contra os quaes ha graves suspeitas.

Mas então o sangue de Christo contém acido sulfurico?!

Pois o vinho contido no calice não é, depois de consagrado, o proprio sangue de Jesus?...

Estranho! estranho!...

⚜

Fecho alegre

Um sacristão mostra a um generoso visitante as rendosas reliquias duma rica cathedral.

—Aqui está a cabeça de S. João Baptista...

—Ora essa!—exclama o visitante—mas na minha terra natal existe tambem uma cabeça do santo precursor!...

—Pois sim,—explica amavelmente o escorropicha-galhetas: —mas esta é de quando elle era criança...

O melhor auxilio

Como todos sabem, os jornaes de propaganda como o nosso não dispõem em geral de capitaes e apoiam-se sobre a energia dos seus redactores e cooperadores, bem como sobre a boa vontade dos assignantes e leitores.

Não havendo subsidios, nem capitaes, nem verbas escusas—a nossa melhor e mais digna fonte de receita são as assignaturas. Os annuncios dão muito pouco; a venda avulsa só serve para a propaganda, *pois dá prejuizo*; a subscripção voluntaria tem até hoje rendido uma insignificancia, custando-nos recorrer a esse meio.

Muitos, porém, recusam assignar porque — explicam elles — *receiam que o jornal sossobre ao cabo de poucos numeros*, como tem succedido a outros! Ora, se todos raciocinam desse modo, é claro que o jornal não terá vida segura, porque não pode ser feito sem dinheiro.

E afinal, muitos dos que, á guisa de... desculpa, nos servem esse argumento, são capazes de *arriscar*, não dez, mas vinte mil reis ou mais, na loteria ou no bicho...

A coisa é simples: a *Lanterna* é util? Quereis verdadeiramente contribuir para a sua vida? Pois o melhor meio é a assignatura, paga quanto antes e com a menor despesa possivel de cobrança.

Por nossa parte, FAREMOS TUDO para sustentar esta folha, julgando obra util um jornal popular, de combate, que não prejudica de modo algum—antes favorece—a acção de revistas e outras publicações de genero differente.

Além desse caracter, é extrapartidario o nosso jornal. Ha outros jornaes anticlericaes, que pertencem a uma facção politica e fazem politica de preferencia, presos, portanto, a compromissos. O seu anticlericalismo é ponto secundario.

Eis porque queremos persistir e vencer. E contamos com a victoria. Que os amigos nos ajudem, pois os inicios são promettedores.

Uma obra de Ferrer

LIGA INTERNACIONAL PARA A INRTRUCÇÃO RACIONAL DA INFANCIA

Publicamos abaixo os estatutos desta Liga — um dos melhores fructos da actividade e iniciativa de Ferrer.

Exposição

Esta Liga fica estabelecida sobre os seguintes bases:

1.ª—A educação da infancia deve fundamentar-se sobre uma base scientifica e racional; em consequencia, é preciso separar della toda noção mystica ou sobrenatuual;

2.ª—A instrucção é uma parte desta educação. A instrucção deve comprehender tambem, junto á formação da intelligencia, o desenvolvimento do caracter, a cultura da vontade, a preparação dum ser moral e physico bem equilibrado, cujas faculdades estejam harmonicamente associadas e elevadas ao seu maximo de potencia;

3.ª—A educação moral, muito menos theorica do que pratica, deve resultar principalmente do exemplo e apoiar-se sobre a grande lei natural de solidariedade;

4.ª—E' necessario, sobretudo no ensino da primeira infancia, que os programmas e os methodos estejam adaptados o mais possivel á psychologia da criança, o que quasi não acontece em parte alguma, nem no ensino publico nem no privado.

Taes são as verdades, taes são principios que originaram a creação da Liga Internacional para a Instrucção Racionai da Infancia.

Cada membro da Liga compromette-se a contribuir, no circulo das suas relações e na medida do possivel, para a pratica destes principios. A Liga o auxiliará energicamente no seu labor. A união de boas vontades que representa esta associação não pode produzir sinão resultados efficazes.

Estatutos

Art. 1.º—Constitue-se uma liga denominada *Liga Internacional para a Educação Racional da Infancia*, com o fim de introduzir praticamente no ensino da infancia, *em todos os paizes*, as ideias de *sciencia*, de *liberdade* e de *solidariedade*. Propõe-se além disso procurar a adopção e applicação dos methodos mais apropriados á psychologia da criança, com o fim de obter os melhores resultados com o menor esforço.

Art. 2.º—Os meios de acção da Liga consistem numa incessante propaganda, sob todas as formas, dirigida mais especialmente aos educadores e ás familias.

Art. 3.º—Para ser membro da Liga basta adherir á exposição de principios que lhe servem de base, e pagar annualmente uma quota de frcs. 1.20 como minimum.

Art. 4.º—A Liga pode constar em todos os paizes das secções ou dos grupos cujo funccionamento resulte dum accordo com o comité de iniciativa e de direcção instituido pelo artigo 5.º

Os grupos constituidos podem reservar, para as necessidades do seu funccionamento, as tres quartas partes da importancia das quotas, ou seja frcs. 0.90 por indviduo, e contribuir só com a quarta parte (frcs. 0.30 por individuo) para a administração central da Liga.

Art. 5.º—A administração Liga corresponde a um Comité Internacional de Iniciativa e de Direcção, composto de cinco membros no minimo e de quinze no maximo, nomeados para um prazo de cinco annos pela assembleia geral, sendo reelegiveis. O Comité pode completar-se pela aggregação de novos membros designados pelo mesmo, os quaes devem ser ratificados pela Assembleia geral mais immediata que se realizar.

O primeiro Comité Internacional de Iniciativa e de Direcção, cujas funcções terminarão na Assembleia geral de 1913, fica assim formado.

Sr. *Francisco Ferrer* (Hespanha) Pres.; *C. A. Laisant* (França) Vice-pres.; *J. F. Elslander* (Belgica); *Ernest Haeckel* (Allemanha); *William Heaford* (Grã Bretanha); *Giuseppe Sergi* (Italia); *H. Roorda van Eysinga* (Suissa); Srt. *Henriette Meyer* Secrataria.

Art. 6.º—Institue-se mais um Comité Internacional de Propaganda, de numero illimitado de individuos, cuja eleição compete ao Comité de Iniciativa e de Direcção, devendo ser ratificado pela Assembleia geral immediata.

Art. 7.º—A residencia social da Liga fixa-se em Paris, 21, boulevard Sain-Martin, podendo ser transferida a outro ponto por accordo do Comité Internacional de Iniciativa e de Direcção.

Art. 8.º—*L' Ecole Renovée*, revista periodica publicada em Paris, é o orgão titular da Liga.

Art. 9.º—O Comité de Iniciativa e de Direcção convocará cada anno uma Assembleia geral da Liga, para ouvir a memoria annual do Comité, discutir as conclusões se for preciso e deliberar sobre os assumptos da ordem do dia.

Art. 10.º—Os presentes Estatutos só podem ser modificados por uma Assembleia geral, por proposta do Comité Internacional de Iniciativa e de Direcção.

Art. 11.º—A dissolução da Liga só poderá ser deliberada por uma Assembleia geral extraordinaria especialmente convocada para esse fim, e por maioria das tres quartas partes dos membros presentes ou representados.

—

«Senhores:

«Acabais de ler a Exposição de Principios da *Liga Internacional para a Educação Racional da Infancia*. Acabais de lêr os seus Estatutos. Restanos accrescentar algumas palavras.

«Se, como nós e comnosco desejais que a humanidade se governe pela razão e pela verdade, em vez de deixar-se governar pelas preoccupações e pela mentira;

«Se, como nós e comnosco, quereis que a pacificação succeda á violencia;

«Se, como nós e comnosco, acreditais que a tarefa mais efficaz e mais urgente é a preparação de cerebros bem equilibrados e de intelligencias firmes nas gerações que vêm á vida;

«Se assim fôr, vinde a nós;

«Trazei á Liga, á *vossa* Liga, o concurso de boas vontades fraternalmente unidas.

O apoio material que vos pedimos é quasi nullo; vosso apoio moral é nos infinitamente precioso.

«Professores, libertando as crianças que vos confiam vos libertais vós mesmos.

«Pais—e mães principalmente — vós que amais, que adorais vossos filhos, libertai-os da escravidão intellectual em que durante tantos seculos geme a humanidade. Associai vossos esforços aos nossos para esta obra de emancipação, unica que conduzirá cada dia mais o mundo para um porvir melhor, que o encaminhará incessantemente para mais amplo conhecimento da verdade, grandeza incomparavel e bondade illimitada.

«Separemos nossos filhos do meio de trevas e de fealdade em que temos vivido.

«Conduzamo-los para a belleza, para a luz».

Pelo Comité Internacional de Iniciativa e de Direcção:

O Presidente *F. Ferrer*.

O Vice-presidnte *C. A. Laisant*.

A Secretaria *H. Meyer*.

A Escola Moderna em S. Paulo

O «comité» pro-Escola Moderna, na sua ultima reunião, tomou conhecimento das seguintes dadivas feitas em favor da Escola.

Srs. Emilio Talone, 300$000; Tobia Boni, 200$000; Corrado Pucciarelli, 5$000; Antonio C. matti, 1$000; festa promovida em Jundiahy pelo sr Sperandio Pelliciari, 114$300; lista de subscripção n. 17, a cargo do sr. Horta Barbosa, de Campinas, 20$000; sr. Martins de Castro, de Mattão, 10$000; festa familiar promovida pelos srs. Serafino Berti e Ucildo Gandini, de Dobrada, 57$000; sr. Zuccolini Luigi, de Dourado, 5$000; sr. Roli Roberto, do Rio de Janeiro, 20$000; Forlanetti Marino, de Ouro Fino, 10$000; listas ns. 72, 73 e 74, a cargo do Syndicato dos Sapateiros, do Rio de Janeiro, 44$000; sr. José Bento Thomaz, de S. José do Paraizo, 5$000; sr Joaquim da Silva Carvalho, desta capital, 2$000; festa familiar promovida pelo sr. Adelino Piva, de Guariroba, 22$000; duas conferencias feitas no theatro Sant' Anna pelo sr. Oreste Ristori, 597$700; total 1:413$000.

Das seiscentas e tantas listas de subscripção que o «comité» distribuiu, sabe-se já que muitas foram subscriptas com importantes quantias, que em breve serão publicadas, após o recebimento das mesmas.

O Grupo Pensamento e Acção realizou, no salão Celso Garcia, uma festa que foi muito concorrida, e cujo resultado, depois de verificado, reverterá em favor da Escola Moderna.

Em Candido Rodrigues organizou-se um sub-«comité», composto dos srs. Gregorio Negri, Rizzieri Polletti, Saul Borghi e Gustavo Morala, afim de promover uma grande festa cujo producto tambem é destinado á mesma Escola.

O sr. José Selles, de Ribeirão Preto, mandou ao *comité* 350 cartões postaes para serem vendidos com o mesmo fim.

Nesta capital, uma commissão composta dos srs. M. E. Teixeira Martins, Francisco Antonio de Angeli e Alfredo Botelho, vai realizar, no salão Celso Garcia, desta capital, em 5 de março proximo, um grande festival em pról da mesma Escola.

Com identico intuito, o Grupo Filodramatico desta capital, irá a Jundiahy nos primeiros dias de março afim de levar á scena os dramas *Galileu Galilei* e *Morte Civil*.

Afim de angariar donativos para a referida Escola, organizou-se no Bom Retiro um sub-*comité* composto dos srs. Vicenti Boni, Emilio Mattei, Ignacio Derbonio, Giacomo Balboni, Pedro Raucci, Ernesto Ferrari e Daniel Andrighetti.

O thesoureiro da Escola Moderna é o sr. Dante Ramenzoni, industrial desta capital, a quem deve ser dirigida, para a caixa postal n. 857, a correspondencia relativa á thesouraria, e a correspondencia restante deve ser endereçada ao secretario sr. Leão Aymoré, para a mesma caixa.

—

No proximo numero começaremos a publicação, por extenso, das listas de subscripção.

Viagem de cobrança

Dentro de breves dias iniciaremos a cobrança de assignaturas nas linhas Sorocabana, Paulista e Ingleza.

Prevenimos os nossos correligionarios e assignantes afim de que, envidando esforços, poupem o mais possivel o nosso representante, facilitando-lhe do melhor modo a tarefa, satisfazendo promptamente o seu debito.

Jornal de ideias, independente, não recebe *A Lanterna* auxilios escusos, e soffre toda especie de perseguição do clero retrogrado. Revidando e reconhecendo a utilidade de manter a imprensa honesta e livre, de combate ao erro, esperamos que os nossos assignantes concorrerão com todo o enthusiasmo para fortalecer e tornar prospera *A Lanterna*, já pagando a importancia de suas assignaturas, já procurando-nos novos assignantes.

Seja *A Lanterna* um labaro e seus assignantes o formidavel exercito do livre pensamento que marcha, irresistivel, para a victoria final.

"A Lanterna" em Jardinopolis

O CONTRADICTORIO RISTORI-RAVAIOLI

No dia 6 do corrente, no largo da Igreja, realizou-se entre o Sr. Orestes Ristori e o reverendo João Ravaioli o annunciado contradictorio, que teve começo ás 2 horas da tarde, perante um publico numerosissimo, que acorrera de varias localidades circumvizinhas.

O sr. Ristori, após algumas palavras do dr. Pedro Cleto, que se encarregou de apresentar os dois oradores e de recommendar calma e tolerancia, principiou fazendo notar a circunstancia de ser aquella a primeira vez que no Brasil se dava assim um contradictorio publico com um padre. Em seguida expoz lucidamente e com cerrada argumentação o thema escolhido: influencia nefasta da religião e do clero nos povos civilizados.

O contradictor tomou depois a palavra, e quando findou, o sr. Ristori teve uma bella réplica, á qual o sr. padre Ravaioli só pôde retrucar affirmando que existiu Christo e que estava prompto a morrer pela sua religião.

Tanto os oradores como o publico se portaram com admiravel calma e dignidade, havendo a maior tolerancia de parte a parte—facto que a todos honra sobremaneira e que desejariamos vêr praticado sempre e em toda a parte.

Cabe tambem louvor ao correcto delegado, que usou de toda prudencia e cautela. Enfim, tudo correu excellentemente, e todos os anticlericaes rejubilam, satisfeitissimos com a magnifica propaganda feita.

***

Acabada a controversia, o nosso diligente amigo sr. Victor Tacchi fez correr, em favor da Escola Moderna, uma lista de subscripção, para a qual contribuiram innumeras pessoas, conhecidas e desconhecidas, e que foi iniciada pelo sr. Alexandre Pilla com 100$000 reis.

Avante pela educação nova!

Amanhã, 9, effectuar-se-á a conferencia, com entrada paga, pró Escola Moderna. Espera-se uma boa enchente, tendo se já vendido muitos bilhetes.

***

Na vespera do contradictorio, a *Republica* publicou um artigo... preventivo.

Como a coisa é com o sr. Ristori, elle responderá, se o entender necessario. Afinal, o articulista limita-se a affirmar sem provar e a citar opiniões de doutos.

Censura a commissão que organizou o comicio, porque fez a convocação não firmando o convite com os nomes dos seus componen-

FOLHETIM

GOLIARDO E RATALANGA 15

O "ASNO" NA LUA

FANTASIA INVEROSIMIL

Aventuras amorosas

— Exquisito!

— Seria mais exquisito que nós devessemos sentir necessidade de um dado divertimento artistico, em tempo fixo e hora determinada. Isso pode ser entre povos que dispõem de escassos meios artisticos, não entre nós! Temo-nos rido muitas vezes pensando em vossa terra, onde todos os habitantes de uma cidade devem sentir necessidade de musica em dadas estações, em dados dias, em dadas horas, tudo simultaneamente. Isso, confessai-o, é ridiculo!

Mas, comquanto o espectaculo fosse interessante, os dois emprehendedores collegas preoccupavam-se de outra coisa bem diversa.

— Senhorita — disse galantemente o capitão — fazei cessar, peço, aquella musica e deliciai-nos com o som da vossa encantadora voz!

A mocinha fechou o apparelho e foi estender-se numa elegantissima "dormeuse" em forma de cesta florida.

— Pois bem—disse—accommodai-vos aqui junto de mim.

Os dois rivaes puzeram-se aos lados, confundindo-se com accentos de admiração, até que o capitão, habituado a tratar com as damas do tom, entrou corajosamente no assumpto:

— Senhorita, fui profundamente ferido pelos vossos attractivos!

— Fomos feridos! -accrescentou monsenhor.

— Ardo num fogo insolito na vossa presença...

— Nós ardemos!

A moça riu-se alegremente:

— Assim? De repente?

— Desde quando eu... desde quando nós a vimos!

— Oh! Extraordinario! Isso não acontece entre nós!

— Comtud, oh! senhorita! Se nesta Lua impera aquelle amor que nós na Terra temos obrigações de detestar, deixai-nos um momento gozar dessa... liberdade!

— Amor livre?... Certamente — disse a moça brilhando-lhe nos olhos viva luz.— E alegria aobrehumana amar livremente!... Mas quão raramente isso acontece!

— Raramente?—gritou inflammado o capitão

— Sim! Porque não é facil obter-se o consenso perfeito de duas intelligencias.

— Pois bem, senhorito, mesmo que o consenso intellectual não seja perfeito...

— Oh! Comprehendo! Comprehendo! Mas o que quereis é a funcção animal! Isso não é amor!

— Não é amor?

— Oh! Não! Tanto como na vossa Terra, onde ella se executa brutalmente, sem indagar das affinidades moraes dos dois seres, no accordo ideal; brutalmente, para satisfacção dos instinctos animaes que existem ainda na vossa especie, não para o coroamento physiologico de uma emoção psychica.

O capitão e monsenhor olharam se contrafeitos.

— Certamente, senhorita... esta emoção psychica poderia ser provocada...

— Artificialmente? — e a mocinha deu uma risada argentina—oh! Como aconteceria isso! O amor é vibração unisona de dois organismos analogos... Ah! quanto difficil é o seu encontro!... De tal pleno consenso de ideias, de impulsos internos, de aspirações, nasce a viva chamma que envolve os dois seres e os une no beijo gerador!

— Ah! senhorita—exclamou o capitão e monsenhor caindo de joelhos, com o rosto em fogo e os olhos fóra das orbitas.—Esse beijo... Esse beijo gerador!

A moça olhou para elles rindo-se; depois — tomando de uma estante o livro, celebre pela narrativa—"a origem das paixões" declamou com enthusiasmo:

Aqui, é livre o amor: não é peccado,
Não é vergonha o amplexo genial:
O direito de amar é sempre igual
Para ambos os sexos. E inventado
Não foi ainda o hypocrita pudor
Nem a prostituição (que o acompanha
E que torna o homem mais animal
Do que todo o animal imaginado)
Molestia alguma neste globo ha dado.

— Comprehendeis? oh! infelizes terrestres! A união material é de um instante, a união intellectual é o amor! A primeira, sem o amor, é a prostituição, e isso pertence á selvagem Terra, não á civilizada Lua! Poderiam nossas intelligencias vibrar unisonamente, se sou feliz e serei esposa e mãi da "Razão", emquanto que vós—capitão— sois ministro da "Violencia"? Se eu sou filha e serei esposa e mãi da "Verdade", da "Sciencia", da "Luz", e vós monsenhor—soi o ministro da "Impostura", da "Ignorancia", da "Treva"? Como sairia do nosso monstruoso consorcio o germen fecundante?—e levantando-se erecta, com os braços levantados para o céu, como que invocando a alma irmã da sua, exclamou: "Livre o amor entre os eleitos para amar-se!... Livre o beijo entre os espiritos gemeos, que se encontram na vida! Livre, entre duas intelligencias que vibram sympathicamente, o amplexo instantaneo dos corpos! Oh! Santa Fecundidade! Dai innumeros filhos á patria Lua!

A' vista desse espectaculo de ingenuo enthusiasmo amoroso, os terrestres sentiram-se provocados em todos os seus instinctos, e saltando para a moça, levantaram as mãos para agarra-la.

A fronte da joven obscureceu-se. Um sentimento de desprezo e de piedade velou-lhe o olhar:

— Que animaes!—exclamou.

E levando a mão ao poderoso esguicho destinado ás flores do jardim—dirigiu o jacto contra os pobres representantes do nosso planeta, molhando-os completamente.

A escola passatempo

Pela manhã o nosso bom amigo Pensamento veio acordar-nos, convidando-nos para a conversa-lição annunciada no dia anterior.

A sala dos "Usos e costumes universaes" estava afastada de nossa habitação cerca de mil kilometros.

Mas o que são mil kilometros na Lua? Deixadas —por conselho de nosso guia — as azas em casa, tomamos lugar entre muitos lunares em um trem pneumatico, que fechou se hermeticamente antes de introduzir-se no tubo rectilinio que devia faze-lo vencer em poucos instantes os mil kilometros.

(CONTINÚA)

---

tes. Ora os anticlericaes já mostraram que sabem pôr os seus nomes, quando se trata, não duma simples convocação, mas de assumir responsabilidades, como no caso provocado pela visita do nosso amigo Vassimon.

Acha indelicada a enunciação do thema da conferencia e chama-lhe colossal erro historico e philosophico, porque sabios disseram que a religião é innata e necessaria ao homem—o que seria preciso demonstrar, sobretudo ao orador no dia 6, e porque elle, articulista, ama a religião e a sciencia com o mesmo sacro amor... Quanto ao padre, não é nefasto, pois elle tem conhecido muitos que são boas pessoas. Ora bolas, sr. Fulano...

***

Hontem, o nosso pouco reverendo Padre Vinheta, não contente de, por diversas vezes, ter insultado na igreja os livres-pensadores, aggrediu um nosso correligionario, falando em o mandar para a cadeia e dizendo... o que se imagina na bocca de padres. A victoria de Ristori ficou-lhe na garganta...

8-2-1910.

O CORRESPONDENTE.

Subsidios para a historia de um crime

Cartas de Ferrer a Soledad Villafranca

Levantaram-me a incommunicabilidade, devendo a causa ser julgada em juizo. Confio absolutamente na absolvição, apesar das falsas informações, pressões de toda a especie e absurdas calumnias clericaes, porque não tomei parte directa nem indirecta na greve, rebelliões ou incendios.

(Telegramma)

***

Carcere celular 4ª galeria, n. 301—Barcelona, 2—10—1909.—Quasi me treme a mão com o prazer de poder escrever-te, ao poder communicar-te os meus pensamentos, ao poder dirigir-me quasi directamente a ti, depois de ter passado esse tempo, que me pareceu mais longo do que uma eternidade, mais sombrio do que as mais negras trevas, vendo-me privado de ver-te, de falar-te, de sentir-te a meu lado.

. . . .

Digo que ao reunirmo-nos de novo e espero que isso não demore porque o juiz participou-me que concluiu a instrucção do processo, fazendo-me nomear um defensor numa extensissima lista que me apresentou de capitães e tenentes. Sendo todos meus desconhecidos e não me dando tempo para consultar ninguem, escolhi por acaso um capitão de engenharia chamado Galceran y Ferrer, que se encontra em Melilla, segundo me disse o juiz, telegraphando-lhe hontem a minha escolha para acceitar ou não. Como sabes, estou completamente innocente, pelo que não posso ser condemnado, salvo o caso de se querer praticar a maior das injustiças. Confiemos na rectidão dos juizes. Supponho e soffri muitissimo isso, o desgosto que recebeste ao ler a noticia da minha prisão. Vou explicar-te os motivos porque abandonei o refugio que alguns amigos me tinham offerecido. Deves lembrar-te que o principal motivo da minha retirada foi a noticia que nos chegou a Mas Germinal de que uma rapariga havia dito em uma loja de Alella que me tinham visto á frente de um grupo de homens queimando um convento de Premiá.

Não houve convento queimado, nem grupo dirigido por mim, pois não me retirei de Mongat; mas o boato era perigoso para a minha liberdade e comtigo resolvemos que me retirasse por alguns dias, emquanto se acalmassem os animos e pudesse regressar sem perigo.

Succedia isso no dia 29 de julho. Depois, quando soube, no dia 20 de agosto, que vos tinham desterrado para Alcaniz, a ti, meu irmão, Marieta e a todos os empregados do escriptorio, tive vontade de apresentar-me a um juiz que me chamava por meio de edito judicial; mas esperei ainda, porque tinha 20 dias diante de mim. Mas chegou o dia 29 de agosto, e ao ler com admiração que o sr. Ugarte, fiscal do supremo, que fôra a Barcelona para fazer um inquerito sobre os acontecimentos de julho, dissera em Madrid, ao sair do palacio, depois de communicar a sua informação ao rei, que eu era o autor e o director do movimento revolucionario, não pude conter-me mais e resolvi apresentar-me ao juiz de instrucção para desmentir taes boatos. Saí, pois, da casa em que estava na noite de 31 de agosto, com o fim de tomar um comboio na linha do interior, onde não sou conhecido, e evitar ser visto pela policia que invadira a linha do litoral, porque o importante para mim era apresentar-me voluntariamente. Com infelicidade encontrei-me com uns individuos que não quizeram ouvir nenhuma razão e em vez de me conduzirem ao juiz, como eu pedia, me conduziram á presença do governador. Digo que eram maus individuos, principalmente um tal Bernardas (*Miralta*), que me algemou como a um criminoso, ameaçando-me por vezes com a sua carabina, apontando, dizendo que eu era o peor homem do mundo, segundo ouvira dizer e ler.

O governador limitou-se a perguntar-me onde tinha estado escondido, respondendo-lhe que por delicadeza não podia dizer-lho, para evitar prejuizos a pessoas que me tinham tratado tão bem. Respondeu-me que a minha delicadeza era comprehensivel, mas não o era a falta ao dever em que aquella familia tinha incorrido. Repliquei-lhe que na minha opinião não havia motivo para me julgarem culpado, ao que elle respondeu com um discurso, terminando por affirmar que nos livros por mim editados podia encontrar-se a origem dos acontecimentos. Que te parece? Do governo civil transferiram-me para a repartição da policia, onde fui inscripto conforme as prescripções do systhema Bertillon, e, coisa inedita até para os empregados, tiraram-me o fato, vestindo-me com um fato de 14 pesetas comprado num bazar e deram-me um gorro de *apache* para comparecer assim perante o juiz. Escrevo-te isto tocado por um formoso raio de sol que vejo pela primeira vez desde ha trinta e tres dias. O sol alegra e tambem me alegrou esta manhã a visita do meu defensor, a de Champoucin, que me entrevistou para *Le Journal*, e a de um jornalista italiano. O meu defensor pareceu-me sympathico e conversamos muito bem um com o outro. Tratava-se de ouvir a leitura de todas as accusações que me fazem, indagações, testemunhas, etc.; quer dizer todos os autos. Começando ás 8 horas da manhã, ás 2 horas interrompe o trabalho.— Teu, *Ferrer*.

***

Prosigo o meu relatorio no dia 1 de setembro; ao meio dia fizeram-me subir para uma carruagem celular, acompanhado, o que é raro! de dois sympathicos policias e a galope conduziram-me para o carcere, encerrando-me num calabouço pestilento, sem luz nem ar, humido e frio. Outro dia te contarei mais detalhes. Na mesma tarde veio o commandante Vicente Llivina y Fernandez, meu juiz instructor, interrogando-me muito e despedindo-me delle bem impressionado, porque me pareceu pessoa desejosa de saber a verdade, só a verdade. Esperei confiado durante os dias 2, 3, 4 e 5 sem resultado algum. Quando no dia 6, pela manhã, fui á presença dos juizes, encontrei-me com tres militares: um commandante, Valerio Raso, que me disse ter sido nomeado juiz instructor para substituir o sr. Llivina, e dois capitães, medicos militares, encarregados por elles para me fazerem um exame. Juraram dizer a verdade e examinaram-me da cabeça aos pés, procurando saber se eu fôra ferido nos dias anteriores. Desgraçado de mim se apresentasse o arranhão de um gato! Seria fuzilado dois dias depois! Vendo que tinha a pelle sem signal nenhum, começaram a observar o cabello para ver se apresentava indicios de ter sido queimado. Terminado o reconhecimento encerraram-me novamente no calabouço e até ali esperei até ao dia 9, em que fui interrogado pelo commandante Raso. Tive outro interrogatorio dez dias depois, dez dias sem ouvir ninguem! sem saber coisa alguma! Accusam-me do meu passado de republicano, referindo factos de 1885 e 1892, o que não tem importancia alguma nem relação com o processo a que respondo. Accusam-me tambem de ter proposto a Lerroux que se collocasse á frente do partido em 1889. Faze-me o favor de escrever muito acerca das vossas penalidades. Que os companheiros de desterro me escrevam tambem explicando-me o que lhes tem succedido. Espero ver-te dentro de 15 dias. Teu *Ferrer*.

***

Hontem recebi os jornaes que o *alcaide* recebia ha quinze dias e ao le-los resolvi escrever a *El Pais*. Não sei ha quantas horas ou dias que só leio e escrevo. Deves receber um masso de jornaes lidos, porque os envio a meu irmão. Recebi a segunda e terceira cartas que me enviaste. Acaba de dizer-me o administrador que o meu conselho de guerra se realizará sabbado, quando estiveres a ler esta carta. Surprehendeu-me porque acabava de falar com o meu defensor que nada sabia. Venha o conselho. Gostarei de o ver.—*Ferrer*.

(Carta recebida no dia 11).

Cartões anticlericaes

Rececemos uma boa remessa de cartões anticlericaes.

Cada um	$100
Uma duzia . . .	1$000
Vinte	1$500

AOS LEITORES

Se não podeis assignar o nosso jornal — o que é o meio melhor de nos ajudar — comprai-o, e ao mesmo tempo contribui para desenvolver a sua venda, dando preferencia aos vendedores d'*A Lanterna* quando preciseis de qualquer outra publicação.

Os clericaes aconselham na sua imprensa o favor aos que *não vendam A Lanterna*. Nós, respondendo a esse acto de estupida intolerancia, apenas pedimos aos nossos correligionarios que favoreçam os vendedores do nosso jornal, não importando que estes vendam tambem jornaes adversarios—pois elles estão no seu officio honesto e nós não tememos a discussão nem o confronto de ideias.

A melhor maneira de combater esta guerra clerical é a assignatura; mas, se não podeis assignar, comprai *A Lanterna* todos os sabbados, e favorecei os nossos vendedores com a vossa preferencia em tudo.

Aos assignantes

Estamos procedendo á cobrança nesta capital.

Contamos com a coadjuvação de nossos assignantes que assim favorecerão a imprensa liberal, a unica em condições de combater a intolerancia religiosa e o fanatismo deleterio e dissolvente.

Pedimos aos nossos assignantes o favor de, caso estejam ausentes de casa habitualmente, darem a uma pessoa da familia ordem de pagamento quando se apresentar o nosso cobrador, evitando-nos assim grande perda de tempo.

Na quaresma



«Emquanto o crente jejua
e bate murros no peito,
como carne quasi crua
e cumpro assim o preceito...»

Os nossos representantes

São nossos agentes, fóra desta cidade, com o encargo de angariar e cobrar assignaturas, os seguintes amigos:

Ribeirão Preto, sr. José Selles, rua Amador Bueno n. 41.

Uberaba, sr. José Delfino Pereira Junior, rua Saldanha Marinho.

Franca, sr. Innocencio Selles.

Santos, sr. Luiz Bezzi, rua Martim Affonso, 16.

Rio de Janeiro, srs. Manuel Moscoso, rua Camerino, 140 e João Leuenroth.

Nictheroy, Francisco Dias Filho, Padaria Flor do Barreto.

S. Roque, sr. Credo Negrelli.

Dobrada e lugares circumvizinhos, sr. Pedro Sermi Rossi.

Porto Alegre, sr. Polydoro Santos, rua Conceição, 22.

Villa Americana e Rebouças, sr. Lucio Sandoval.

Em S. Vicente, sr. Miguel Barcalla.

Novos cartões anticlericaes

Temos á venda um esplendido cartão duplo com uma allegoria a Ferrer e duas bellas odes do poeta italiano Pietro Gori:

Nel Castello Maledetto

E

Dopo il delitto

PREÇO . . . . 100 RÉIS

Em favor da Escola Moderna

Temos igualmente o opusculo em italiano de Binazzi Pasquale

Abbattiamo il Vaticano

com o retrato de Ferrer e Soledad Villafranca na capa.

PREÇO . . . . 200 RÉIS

O producto da venda reverterá tambem em favor da ESCOLA MODERNA.

Estas duas publicações entram igualmente na lista dos nossos premios.

FOLHETIM (16)

Avelino Foscolo

O JUBILEU

IV

Agora, da culminancia attingida para penetrar no arraial, se descortinava um scenario colossal. Semelhando raios dum mesmo circulo, cujo centro era o Santuario, se estendiam os diversos c rdões de peregrinos. Aqui era uma comitiva de cavalleiros vinda de longas terras, trazendo barracas, cozinha, os petrechos mais necessarios á vida, ali, uma familia inteira servindo-se dum carro de bois como meio de locomoção; além, uma cadeia de caminheiros sobraçando trouxas e bahus. E os cantos e o riso — a opulencia do pobre, cascateavam por toda a parte acordando a melancolia daquellas estradas brancas, chloroticas, onde escasseava o verde risonho do chlorophila para matizar-lhes a margens.

— Bemdito seja o desarranjo da machina; se não fôra isto eu não presenciaria tão interessante espectaculo! — exclamou o Chagas.

— Se tomasse um outeiro — disse-lhe o velho Sena — mesmo que não houvesse interrupção veria o desaguar dessas arterias diversas no coração do Santua io. Não é sómente a via ferrea que traz romeiros.

— Bem sei.

— O que os conduz aqui é a força omnipotente da fé que remove montanhas! — ajuntou o Sena. Não viu aquella velhina alquebrada, com um todo de inspirar compaixão, a rasgar mundo, vinda de incultos sertões, pernoitando nos campos desertos, expondo-se aos ataques das feras? Tinha a confiança excelsa no Bom Jesus, seu guia e seu escudo, e com ella, sem armas e sem dinheiro, abicou afinal ao porto almejado. Que poderosa alavanca é a crença!

— Sem duvida — concordou o pintor — mas ha de confessar: por espirito de religião vêm aqui bem poucos; a maioria é movida por instincto commercial, pela ambição gananciosa... Uns se embalam no jogo, outros buscam os bordeis que se abrem por toda a parte nessa romaria — uma feira de vicios — e outros, uma fracção minima, com essa sêde de sensações novas, que é o constante ideal do artista, vêm simplesmente movidos pelo sentimento do bello. E o milagre que se realiza aqui é todos, eu o supponho, serem felizes durante estes rapidos dias de jubileu. Vivem no sonho, cada qual na esphera em que se aprzo, para volverem depois á realidade, bem cruel por vezes, da vida normal.

— Veja isto e admire! — exclamou o velho.

Penetraram no arraial. Uma colmeia empolgante de povo os envolvia num vai-vem constante. Tinha-se a sensação de uma cidade populosa onde a existencia se agita perennemente no bruhaha immenso das arterias urbanas. O Chagas contemplava aquella onda removente do oceano vivo da multidão.

V

O bacharel ficara boquiaberto em face da jogatina desenfreada que se lhe abrira diante dos olhos. Fora sempre o seu vicio predilecto e nelle consumira quasi o dote de Laura. Por vezes, em tempos idos, fantasiava uma viagem a Monaco, o reino da roleta, para ver rolar milhões sobre o tapete verde, e, numa cartada de acaso, dessas que a fortuna dá por vezes, arrancar o necessario á existencia nababesca. E via agora, realizado em miniatura, o sonho de antanho. Se as bancas não eram ricas como as do principado europeu, sobrepujavam-o pela quantidade e variedade de jogos, talvez. Não havia nenhum rebuço tambem, nenhuma convenção hypocrita acobertando o vicio: elle se expandia por toda a parte, em plena praça, nas esquinas, nas tavernas, no proprio asylo dos peregrinos.

O bacharel ia só, através da rua Maranhão, ancioso por dar uma cartada de mestre. Olhou em torno, prescrutando alguns dos velhos rebarbativos de Villa Rica que odeiam o vicio porque não lhe podem apreciar o sabor, e entrou então na primeira espelunca que se lhe affigurou mais occulta. Tinha pejo de ser visto, tambem, apenas chegado, por um dos companheiros naquella sociedade heterogenea da roleta.

Que variedade de typos naquelle scenario!

(*Continúa*)

O que se faz nos seminarios e nas parochias

Revelações do ex-sacerdote Don Francisco Bigliazzi

O sacerdote paroco

Passemos agora a ver o que faz no acto que celebra. Quanto ás palavras, parece ter ao lado uma furia que o persiga, de tal modo as apressa atabalhoadamente; e vêdes-lhes dar saltos como se lhe queimasse os pés o estrado, num desafio com o ajudante a ver quem diz mais depressa, deixando orações e collectas ou dizendo missa por outra. Coisas que não se soffreriam numa comedia. Faz as genuflexões a meio e sem geito, as benções e as cruzes como quem enxota moscas, confunde palavras com cerimonias, levanta e abaixa a hostia e o calice, como um pedaço de pão e um copo de vinho.

Mas ha ainda peor. A's vezes começa a missa de defuntos na sacristia, continua-a indo para o altar, onde, apenas chegado, diz a epistola e o evangelho em quanto estende o corporal. S. Clemente de Alexandria tinha razão quando dizia que os padres, celebrando a missa, mudam o ceo em palco onde Deus é o assumpto da comédia. Finda a missa, corre á residencia, sreve uma boa chicara de café ou come uma fatia de saboroso presunto, faz duas caricias á Perpetua e retira-se, pouco antes do jantar para recitar o santo officio. Mas com que dignidade! com que devoção!

Conheço em Florença mesmo padres que nem soquer pensaram um dia em comprar o Breviario. Ha-os que, apenas começam, querem logo acabar, tal é a sua pressa ou o desejo de voltar para junto da serva. Truncam, saltam, correm, só para irem palestrar com este ou com aquelle, dizer uma chalaça, uma escurrilidade, uma phrase.

A' tarde, acha conveniente ir a casa dos ricos da parochia, ou vai mesmo jantar com elles para ter a sua amizade e familiaridade, para tagarelar em damno dos pobres, quando não acceita convites deste ou daquelle parochiano afim de ter com todos confiança.

Não desdenha a conversa com as mulheres e antes do sol pôr, vai de espingarda á caça de passaros e de... pombas de longas pennas.

E essa é a vida do paroco nos dias de trabalho.

Ao domingo então declama, uiva do pulpito ou do altar contra os abusos e as desordens que se dão na parochia, maldizendo os socialistas e os maçons, e todos os que não vão á santa tasca: agarra os meninos e as meninas pelos cabellos e põi decidido empenho em os instruir, em lugares afastados, na doutrina christã, acostumando-os a confessar-se frequentemente e a preparar-se bem para a primeira communhão.

DON FRANCISCO BIGLIAZZI — *Ex-prefeito de Seminario.*

(*Continua*).

Premios aos assignantes

Os novos assignantes d'*A Lanterna*, se pagarem a sua assignatura directamente a esta administração — isto é, sem nos causarem despesas de cobrança ou de remessa — e se o pagamento for feito quando pedirem a assignatura ou depois de recebidos, no maximo, dois numeros do jornal, terão direito a um premio constituido por livros ou folhetos no valor de
2$000 para assignatura annual
1$000 » » semestral.

Os livros e folhetos deverão ser escolhidos entre os da lista que damos em seguida e que conseguimos organizar, graças á combinação feita com um depositario de obras racionalistas e sociologicas.

EM PORTUGUEZ

Malvert, *Sciencia e Religião*. . . . . . 2$500
Eliseu Reclus, *Evolução e Revolução*. . . . . 1$500
Gorki, *Os amassadores*. . . . $200
Pinho, *Pela Educa ão e pelo Trabalho* . . . $200
Nieuwenhuis, *A mulher e o Militarismo* . . . $100
J. Most, *A Peste religiosa* $100
Motta Assumpção, *O Infanticidio, drama*. $300

EM HESPANHOL

M. Rey, *Donde está Diós?* $100
R. Chaughi, *Immoralidad del Matrimonio* . . . $100
La Mujer Esclava. $100
J. Rutgers, *Las Guerras y la Densidad de la Población*. $100
Frank Sutor, *Generaciòn consciente*. $400
M. Devaldès, *Mathusianismo y Neo-Mathusianismo* $100
Ch. Drysdale, *Dign dad, Libertad é Independencia* $100
A. Pellicer Paraire, *El individuo y la masa*. $100
C. S. Darrow, *Crimen y Criminales* $100
S. Faure, *El Problema de la Poblaciòn*. . . . $100
L. Bulfi, *Huelga de Vientres* $100
A. Hamon, *Compendio de la Historia del Socialismo* $200
P. Robin. *La Mujer Publica* $100
J. Grave, *Tierra libre* (fantasia) . . . . . 2$000
Cartões anticlericaes, cada um. $100

Além destas, póde o assignante escolher entre as seguintes, das quaes esperamos de Portugal uma remessa:

Milesbo, *Christo nunca existiu*. $700
H. Salgado, *Religião da Morte* . . . . . 1$200
E. Haeckel, *Monismo* . 1$200
A. Hamon, *Determinismo e responsabilidade*. . 1$500

Sendo o preço das obras pedidas superior ao valor dos premios, o assignante juntará á importancia da assignaturaa differença a mais.

As obras esperadas serão, apenas nos chegarem, remettidas pela ordem dos pedidos.

A lista dos premios será pouco a pouco alargada e os assignantes poderão, fazendo já o pagamento, ficar com o direito de escolher mais tarde.

Aos amigos

O melhor meio de auxiliar a *Lanterna* é assigna-la e arranjar-lhe assignantes. A assignatura é mais cara; mas é um concurso de amigo.

EXPEDIENTE

A todos os amigos e correligionarios que enviem cartas, dinheiro, vales, e tudo quanto concerne á administração, pedimos o favor de endereçarem a correspondencia á LANTERNA a **NENO VASCO**.

O endereço é: LARGO DA SE', 5 (sobrado).

Aos nossos assignantes e leitores rogamos o favor de, quando fizerem encommendas aos nossos annunciantes, citarem *A Lanterna* como o jornal onde encontraram a *réclame*.

A todas as pessoas que nos escrevem prevenimos que, devido á numerosa correspondencia, nos é inteiramente impossivel responder pelo correio. Porisso, devem procurar n'*A Lanterna*, na secção *Bilhetes e recados* a resposta que sem inconveniente puder ser dada por ali.

Apesar da praxe jornalistica, julgamos conveniente declarar que os artigos assignados são de exclusiva responsabilidade dos seus autores, salvo expressa adhesão nossa ás ideias por elles expostas.

Seguindo a orientação moderna da imprensa independente, queremos que o nosso jornal seja uma tribuna de livre discussão, para uma investigação sincera da verdade e como um éco ás aspirações do nosso tempo.

Ribeirão Preto

Na Livraria Selles á rua Amador Bueno, 41 e 43, vende-se *A Lanterna* a 200 réis o numero avulso.

"A Lanterna" em Patrocinio do Muriahé

Ha coisa de uns tres annos chegou aqui, procedente de Teixeiras, o vigario José Gomez, hespanhol, cuja fama era das peores. Elle chegou disposto a esfolar o povo de Patrocinio.

Poucos dias depois desfeiteou uma familia portugueza, cujo chefe, de nome Alexandre, estava ausente. Quando regressou e soube do succedido já o padreco dera ás de villa-diogo, indo para a estação de Ivahy. Perseguido por Alexandre, dali fugiu á noite para S. Paulo do Muriahé, tomando o trem para Santa Lucia do Carangola.

No trem deu-se um episodio comico. O padre, apesar da fama de valente desabusado, assustou-se com o aspecto de um viajante e foi esconder-se... na privada. Por sua vez o viajante desconfiou do reverendo e ao chegar o trem em Sunta Luzia communicou ás autoridades que no carro estava escondido um padre criminoso.

Para o tirar do pouco cheiroso lugar foi preciso empregar muitos esforços, porque o padre, com o medo do Alexandre, estava meio doido de medo...

Por fim, tudo aclarou-se.

Hoje, em Patrocinio, o famigerado praticou mais uma.

Sem estar ainda empossado na sinecura de vigario. o padre José Gomez, seguido de capangas, começou a cobrar alugueis e aforamentos. Uma familia que não pôde pagar, visto o chefe estar trabalhando em outra cidade e não dispor do dinheiro, soffreu os maiores dissabores, porque o padre mandou destelhar a casa em que morava. Ali pelas 4 horas da tarde desabou forte aguaceiro e é de imaginar-se os apures da dita familia. Só mesmo um coração de padre póde assistir, sem se commover, a esse espectaculo.

Presume-se que houvr perseguição da parte do reverendo, porque uma das moçrs pertencentes a essa familia fora assistir a um culto evangelico.

5—2—910.

Do Correspondente.

Nuvens clericaes

Para o cumulo de todos os males e complemento de todas as desgraças que flagella o paiz, vemos o peçonhento jesuitismo estender-se por toda aparte neste solo, destinado a um melhor porvir, sob a escandalosa tolerancia deste governo *republicano*.

Durante 21 annos de Republica só progrediu o clero, só elles encontraram garantia na lei e nas autoridades para o seu vergonhoso trafico.

Quem assistiu á proclamação da Republica, entre este povo generoso e amante da liberdade, não teria podido de modo algum pensar que a substituição dum governo nascido numa remota noite de barbarismo, com o typo de conservar de gerações em gerações o arbitrio dum povo, por um governo estabelecido sobre a ideia da liberdade publica e com um sentimento de independencia pessoal, não era mais que uma mera illusão.

A revolução de 1889 só trocou de nome, Monarchia por Republica, dando ao clero toda liberdade de acção para assolar o paiz de igrejas e conventos; e povoado de freiras, padres, bispos, arcebispos e cardeaes, sem contar as congregações religiosas que se alastram de um modo espa toso, sob a protecção desse labaro rutilante do *Progresso*!

Que singular contraste com a theoria republicana!

Razões têm os charlatães quando gritam que o sentimento religioso é ainda muito vivo entre o povo brasileiro, e esse sentimento no Brasil continuará a se-lo cada vez mais, pois que este paiz é a maçã cubiçada do jesuitismo. E para aqui é que immigram todos os vampiros de sotaina expulsos dos paizes civilizados, inclusivé as ilhas Filippinas. E esta forma de governo *republicano* impede o desembarque de homens trabalhadores e conscientes que vêm com seus braços augmentar a producção e a riqueza do paiz, para escancarar todos os portos aos ociosos padres, evangelizadores da prostituição, depravadores dos bons costumes e propagadores do analphabetismo.

E', pois, mistér que a mocidade brasileira, embalada no berço da esperança dum risonho porvir, se levante por toda parte e faça ouvir ao povo o clamor do clarim dos grandes pensadores que lutaram para nos dar a paz á consciencia, a moralidade ao povo e o influxo bemfeitor de seus louvaveis ensinos á sociedade.

Sejamos cada um de nós uma sentinella alerta na defesa do rebanho proletario contra o tonsurado lobo, que por meio de todas as astucias procura impunemente com suas machinações desvia-lo da vereda do bem e da emancipação humana.

Faz horror a todos os espiritos liberaes contemplar este quadro jesuitico que se exhibe por todo o paiz, predestinado a ser o Emporio da civilização e do progresso.

Qual é o livre pensador que não se sente estremecer de indignação diante de tantos peitos sellados no signo da redempção humana? Formemos todos sob a sombra daquelles martyres que nos legaram o seu exemplo e activemos uma marcha forçada contra o obscurantismo religioso.

Não adormeçamos diante do terrivel abysmo que se dilata vertiginosamente para depois formar uma avalanche que, se não procuramos deter o seu impeto, ha de sepultar: — Ideia, liberdade, progresso e civilização.

O Brasil é como uma criança que tudo tem que esperar, caminha para a adolescencia duma ideia moderna e progressiva, que ha de dar ao seu povo dias melhores. Mas para isto é preciso que dissipemos as densas nuvens que toldam o céu deste vasto paiz, nuvens que são o clero.

Bragança.

JOSEPH JUBERT.

Cartões anticlericaes

O comité da Escola Moderna recebeu do sr. José Selles, de Ribeirão Preto, como dadiva, uns 350 postaes illustrados a cores, edição do semanario anticlerical de Roma, *L'Asino*.

São quatro desenhos, representando um «o fim de Giordano Bruno, segundo Giolitti»; outro, o martyr na fogueira; outro, a escola clerical — um bando de crianças entrando na bocca escancarada dum padre; outro, finalmente, um bispo reluzente de diamantes, representando a pobreza e humildade do Christo.

Vendem-se nesta redacção a 100 réis cada um, em beneficio da Escola Moderna.

Toda pessoa que nos obtiver 10 assignaturas pagas (annuaes ou semestraes) terá direito a uma gratis pelo tempo correspondente.

«A LANTERNA» NO RIO

é encontrada á venda nos seguintes pontos:

Na Federação Operaria, rua do Hospicio, 166.

CAFÉ CRITERIUM, largo do Rocio;

Na rua Visconde de Sapucahy;

Na rua da Assembléa, esquina da rua do Carmo, (engraxate);

THEATRO S. PEDRO, á praça Tiradentes;

RUA DO OUVIDOR, no salão de engraxate, ao lado do Café Java.

PEQUENOS ÉCOS

Numeros atrasados — Os nossos amigos que desejarem pacotes de numeros atrazados d'*A Lanterna* para serem distribuidos gratuitamente para propaganda do jornal e das nossas ideias, sobretudo em occasiões propicias — comicios, reuniões, festas, etc. basta que nos escrevam um postal, pois a remessa será feita immediatamente. gratis.

Em Campinas — A Liga Operaria de Campinas communica-nos a eleição, effectuada em 23 de janeiro ultimo, do Conselho administrativo daquella prestimosa sociedade, durante o anno corrente.

O Conselho ficou composto dos seguintes senhores:

Joaquim Ribeiro, 1.º secretario; Hermogenes de Oliveira, 2.º secretario; Olivio Camargo (reeleito), thesoureiro; Magnus Gustaffson, contador; Ernesto Bosquero, Angelo Soave e Guilherme Salatem, conselheiros.

Aos novos administradores auspiciamos a mais completa felicidade na sua gerencia e á valiosa associação operaria uma vitalidade a toda a prova.

Publicações periodicas

Um dos nossos amigos encarrega-se de receber assignaturas, por intermedio desta redacção, para as seguintes publicações:

Les Temps Nouveaux

Revista quinzenal sociologica, com um supplemento literario. — Director: Jean Grave. — Assignatura annual: 3$000.

La Guerre Sociale

Semanario revolucionario. — Redactor-chefe: Gustave Hervé.
Assignatura annual: 5$000.

A Sementeira

Publicação semanal illustrada de critica e sociologia. — Lisboa.
Assignatura annual: 2$000.

A Vida

Hebdomadario operario. — Porto. — Assignatura semestral: 1$500.

Internacia Socia Revuo

Revista mensal em esperanto, dedicada ao movimento social. — Paris.
Assignatura annual: 2$500.

A venda nesta redacção:

O Clarão

Publicação eventual racionalista — Porto. — Cada exemplar: 100 reis.

Les Hommes du Jour

Interessantissima publicação illustrada semanal de biographias e critica social, literaria e artistica.
Collaboradores artisticos: A. Delannoy, M. Robin, Hermann-Paul, etc.
Redactor em chefe: Victor Méric.
Assignatura annual: 6$000.

Acção Entre Amigos

EM PRÓL DA «**Escola Moderna**»
E DOS JORNAES
a Terra livre, A Lanterna e La Battaglia

O premio consta da obra em lingua italiana, intitulada:

«IL SECOLO XIX»

de 14 grandes volumes artisticamente illustrados, tratando da cultura e desenvolvimento dos povos no seculo passado.

A extracção realizar-se-á no dia 5 de março com a dezena da sorte grande da Loteria da Capital Federal.

PREÇO 1$000

«A Lanterna» no Interior

A Lanterna, além de ser vendida avulsamente em quasi o todo interior do Estado, é encontrada tambem á venda nas seguintes agencias:

Em Ribeirão Preto, na agencia do sr. José Selles, rua Amador Bueno, 41 e 43.

Em Campinas, em casa do sr. Antonio Albino Junior.

Em Santos, na agencia do sr. Paiva Magalhães, rua General Camara, 14.